

Vieira e o intelecto angélico

por João Adolfo Hansen *

Para falar de Antônio Vieira com alguma verossimilhança, é pertinente lembrar seus pressupostos metafísicos e teológico-políticos hoje mortos e esquecidos. Falemos do Anjo. Saber se um Anjo pode conceber representações e se pode comunicá-las a outro foi uma questão debatida vezes sem conta nas aulas dos jesuítas de Coimbra e de Salvador no tempo de Vieira. A resposta invariável sempre foi a de que o Anjo fala não com signos dos conceitos, mas com os conceitos mesmos, de modo que uma mesma coisa é significativa e significada como protótipo e tipo. O Anjo produz a imagem espiritual de seus pensamentos em outro espírito angélico sem recorrer a nenhum meio simbólico. Aqui, a referência ao Anjo é diferencial: Robert Klein demonstrou, ao estudar os livros de empresas italianos dos séculos XVI e XVII, que eles doutrinam a imagem comparando o intelecto humano com o intelecto angélico (Klein, 1998; 117-140). A comparação é corrente nas preceptivas retóricas e poéticas do tempo de Vieira, como a do jesuíta Emanuele Tesauro, *Il Cannocchiale Aristotelico* (1654). Elas afirmam, invariavelmente, que o pensamento humano se diferencia do pensamento angélico pela representação. Nenhum Anjo é poeta ou pintor, pois é a significação de uma coisa por outra- a metáfora- que fundamenta a poesia, a pintura e a representação em geral. Quando doutrinam a representação humana por meio da comparação do intelecto humano com o intelecto angélico, Vieira e seus contemporâneos acreditam, com Aristóteles, que uma inteligência superior se caracteriza pela capacidade de estabelecer relações rápidas e inesperadas entre conceitos, representando-os exteriormente em signos agudos. Sendo católicos contra-reformistas, sempre lembram a Autoridade que fundamenta a representação, propondo que, para demonstrar que a natureza humana não é angélica, Deus inventa na Bíblia uma Escada que sobe ao Céu, um Livro fechado com Sete Selos, um Pão voador e mais imagens que atuam metaforicamente na mente extática de seus Profetas e dos homens que os ouvem. Deus sabe que o homem ama o que admira e que só admira a verdade vestida, não a verdade nua, que é amarga (Tesauro, 1670; 17). Por outras palavras, o amor das imagens é a causa eficiente e instrumental das representações agudas produzidas pelos homens.

Artista, Deus goza como Poeta fabulador de altíssimos conceitos. O seu estilo é composto de nobres figuras porque o sublime faz a maravilha e a maravilha faz a veneração. Nas *Escrituras*, dita os preceitos necessários para a salvação em estilo chão e claro, pois Ele é para todos: *Non occides* soa universalmente tanto à orelha rústica quanto ao intelecto agudo. Este é o sentido literal. No estilo divino, contudo, as coisas altas e peregrinas aparecem pintadas em claro-escuro, com três modos de Símbolos figurados ou metafóricos, o sentido tropológico, o sentido alegórico e o sentido anagógico. Metáforas tropológicas são as que figuram e ensinam verdades morais. Por exemplo, *Quicquid obtuleris sacrificii sale condies*, para significar que, ainda na liberalidade é necessária a prudência, figurada no sal. Agudezas alegóricas são as que figuram mistérios da Fé concernentes a coisas terrenas. Como esta: *Egredietur virga de radice Iesse: et flos de radice eius ascendet*. Argúcias anagógicas levam a alma humana para cima e são as que figuram algum segredo das Coisas eternas, como *Beati qui lavant stolas suas in sanguine agni; ut fiat potestas eorum in ligno vitae*.

* Professor titular de Literatura Brasileira na Universidade de São Paulo. Autor de *A Sátira e o Engenho. Gregório de Matos e a Bahia do século XVII*. 2 ed. revista. Campinas/Cotia, Editora da Unicamp/Ateliê, 2004 e de estudos sobre as representações luso-brasileiras dos séculos XVI, XVII e XVIII.

O homem é tempo e, porque é linear e sucessiva, sua eloquência só diz o sentido próprio excluindo o figurado. Diferentemente dela, na escrita divina a propriedade literal contém a agudeza tropológica e, abaixo desta, a alegórica e, mais abaixo, a anagógica. No Verbo divino, cada palavra tem simultaneamente três conceitos e cada conceito é três metáforas. Deus é o próprio Engenho; logo, também compõe sua arte usando palavras de outros para aproximar conceitos distanciadíssimos e de uma blasfêmia fazer uma metáfora santa, como ocorre com a fala de Caifás, que pronuncia a sentença contra Cristo para aquietar o tumulto da plebe de Jerusalém:

Expedit ut unus homo moriatur, ne tota gens pereat.

Emanuele Tesouro diz que Caifás afirma: "*EXPEDIT*: assim requer a razão de Estado. *UT UNUS HOMO*: que um homem plebeu. *MORIATUR*: seja levado à morte. *NE TOTA GENS PEREAT*: para que não haja um massacre dos Cidadãos". E que Deus traduz o enunciado metaforicamente, com outro sentido salvífico e profético: "*EXPEDIT*: assim requer a Divina Justiça. *UT UNUS HOMO*: que Cristo, o único que se pode chamar Homem, havendo todos os outros degenerado em ferozes animais. *MORIATUR*: seja sacrificado na Cruz. *NE TOTA GENS PEREAT*: para que não seja danado todo o gênero humano". Logo, o mesmo mote que é literal para Caifás é simbólico para Deus: a blasfêmia é um oráculo e, quando delira, o sacerdote profetiza.

Na "Carta Apologética", que escreve em castelhano e dirige ao Pe. Jácome Iquazafigo, Provincial da Andaluzia, em 30 de abril de 1686, Vieira novamente defende a interpretação profética das *Trovas* de Bandarra contra o texto *Respuesta a una Carta, que Antonio de Vieira Monopanto¹ escribió à un Señor Obispo de la Orden de los Predicadores*, de autoria de um anônimo oculto pelo pseudônimo Escoto Patavino. Propondo a mesma interpretação de "Caifás sacrílego" como profeta, afirma que a Graça da verdadeira profecia – assim como as outras, chamadas de *gratis datas* pelos teólogos - não supõe necessariamente a santidade ou a virtude do homem que a revela, pois Deus usa como causas segundas ou instrumentos de sua Vontade também homens rústicos e vulgares, como o sapateiro de Trancoso, Gonçalo Eanes Bandarra, cujas trovas interpreta profeticamente.

Vieira, Tesouro e contemporâneos acreditavam que também numa ação física Deus age agudamente. Cristo nasce entre jumentos mudos, num presépio, quando o Planeta luminoso, brilhando nos Antípodas, abandona o meridiano da Judéia. É metáfora divina escrita com coisas ou alegoria factual (*allegoria in factis*) significando que a luz evangélica, abandonando a Sinagoga, devia revelar-se aos Gentios. Nasce quando o Sol, junto ao Trópico, evidencia o solstício de inverno: como conceito agudo do Sol da Graça que começa a voltar-se para outros homens, enquanto faz o solstício em um presépio. Nasce também quando Saturno reina no meio do Céu, enquanto o signo da Virgem Astréia aparece sobre o horizonte. Símbolos do Século de Ouro cantado por Virgílio nos versos da "Bucólica IV", aliás, que Santo Agostinho, Justino, Aliacense e Alberto Magno interpretaram como Horóscopo Natalício do Salvador:

Iam redit et Virgo; redeunt Saturnia Regna:

Iam nova Progenies Caelo demittitur alto.

Tais agudezas divinas fundamentam os pensamentos de Vieira quando usa os conceitos predicáveis. Extrai o conceito predicável da matéria sacra fundada nas argúcias divinas das *Escrituras* e figura-o em uma forma aguda, baseada em metáfora, que interpreta

¹ "Monopanto"- Um (por) todos. Dizia-se no século XVII que a Companhia de Jesus era una, pois cada um de seus membros agia segundo o lema "um por todos" (e "todos por um").

para a audiência do sermão os sentidos tropológico, alegórico e anagógico. Orador sacro, aplica as agudezas metafóricas e alegóricas para ser um *scolastico insecutore*, como diz Tesouro, um intérprete que ensina. Sendo escolástico, pensa sua ação oratória, sua obra profética e suas cartas como *adaequatio rei ad intellectum*, adequação da coisa ao intelecto. Pressupõe que a essência e a existência das coisas, que são seres singulares como entes criados, correspondem à Idéia que Deus concebe delas em seu Intelecto segundo uma concordância que as faz analogamente verdadeiras. Seu intelecto também é *ens creatum* e, adequando-se por analogia à Idéia de Deus, faz adequações dos conceitos com coisas e signos conformes com a Idéia. Logo, quando fala, enuncia verdadeiramente porque pressupõe a *convenientia* das coisas, dos conceitos, dos signos e das proposições com a Identidade divina e o projeto de Deus para a Criação. A *conveniência* define as operações intelectuais de sua representação, que evidencia as relações próximas e distantes, explícitas e implícitas, simpáticas e antipáticas da participação das coisas, do intelecto e da linguagem na unidade metafísica de Deus segundo a analogia que faz a História e a Natureza ser espelhos que O refratam. Monstro do engenho, Vieira evidencia as conveniências retoricamente, aplicando preceitos dos gêneros oratórios, que usa para falar, ao cálculo da relação entre conceitos distantes fundidos na agudeza dos efeitos; eticamente, porque afirma a prudência e defende a concórdia do bem comum; politicamente, pois faz da eloquência um instrumento de unificação das vontades do Império subordinado à vontade de um só, o rei; teologicamente, porque seu discurso participa na analogia do Ser evidenciando os níveis do sentido espiritual da Palavra de Deus revelada na Bíblia e na Natureza que toma como matérias do sermão. Seu discurso sempre evidencia a dominante do conceito teológico-político de ordem, *ordo*. A ordem articula as causas temporais do Império Português à lei natural e à lei eterna, sacralizando a autoridade do poder absolutista dos Bragança, que dá a ver em formas sensíveis que fazem o público crer. A cerrada "unidade teológico-retórico-política" dos sermões, na síntese feliz de Alcir Pécora, condensa vários níveis de significação ordenados pelo sentido providencialista. Nos sermões, as três primordialidades da Trindade, Potência, Amor, Sabedoria, aparecem como a Potência do Pai, que subordina o Amor do Espírito e a Sabedoria do Filho à ação sobre as coisas do tempo. A Companhia de Jesus é ordem guerreira, Loyola não dissocia contemplação de ação e, no grande teatro do mundo, Vieira é sempre homem da vontade férrea, disposta a convencer e vencer.

Como Vieira pensa? Seu intelecto é como um espelho sempre idêntico a si e sempre vário, refletindo imagens de coisas e produzindo pensamentos como um texto ordenado de fantasmas interiores; logo, seu discurso exterior é por definição metáfora, como ordem de signos sensíveis que substituem e imitam os tipos do seu pensamento arquétipo. Desses signos exteriores, alguns são falantes, outros mudos e muitos compostos. Vieira pode representar o agudo e figurado de um conceito predicável por meio do conceito mental ou arquétipo; por meio da voz; por meio de caracteres escritos; por meio de gestos; por meio de representação das coisas e, ainda, por meio de uma maneira misturada. A agudeza arquétipa é a que se desenha no seu ânimo com seu pensamento: por exemplo, quando decide tomar por conceito predicável do Sermão da Sexagésima (1655) o *Ecce exit qui seminat seminare semen suum* da parábola do Novo Testamento para alegorizar a ação da Companhia no Estado do Maranhão e Grão-Pará contra a ordem rival, os dominicanos; ou quando toma um verso ou uma trova do Bandarra, como na carta para o jesuíta André Fernandes, futuro Bispo do Japão, para figurar sucessos presentes e futuros da sua pátria. É essa argúcia arquétipa que comunica ao espírito de outros homens com signos exteriores: não é possível fazê-lo sem o recurso dos sentidos, o que também fundamenta as convenções retóricas e as

formas da sociabilidade constituídas nos seus discursos como discrição, prudência e agudeza. Como "sensível Imagem do Arquétipo", sua agudeza vocal faz o ouvido gozar suas pinturas, que têm o som por cor e a língua por pincel. Suas agudezas vocais são elípticas, cheias de subentendidos, uma vez que, se os ditos fossem muito claros, elas perderiam seu brilho, assim como as estrelas, que só luzem na escuridão. Vieira pressupõe a condensação sutil, tendencialmente hermética da fala, pois um duplo prazer se produz nas agudezas vocais: quem as emite sente prazer de dar vida no intelecto de outro homem a um efeito do seu e, o outro, o prazer de encontrar o que estava oculto. No caso, a pragmática cortesã define Vieira e outros produtores de agudezas de seu tempo como tipos urbanos, dotados de instrumentos dialéticos e retóricos proporcionados pelo juízo nas situações em que a elegância é a primeira norma da etiqueta cortesã. Por isso, o que especifica sua agudeza vocal é a ocasião: um mesmo dito agudo pode ser tomado como ironia, jogo, obscenidade, agressão ou afetação de excesso de fineza, o que pressupõe o regramento do discurso por um sistema de decoros externos, que especificam as ocasiões e o sentido apto. Vieira sabe, absolutamente bem, que as agudezas escritas são imagens das vocais, como propõe Aristóteles. Sabe que a escrita faculta ilimitados jogos de conceitos, sendo superior à agudeza vocal, porque é *aere perennius*, como dizia outro. Sabe que é dela que surgem as inscrições agudas; os motes das empresas; as sentenças; as missivas lacônicas; os epigramas; os caligramas; os hierogramas; os mil jogos do engenho. Como na divisa dos Sabinos *S.P.Q.R, Sabinis Populis Quis Resistet?*, que os romanos mantiveram, mas eliminando os sabinos.

Assim, se trata das circunstâncias, nelas lê a marca do projeto amoroso e guerreiro de Deus. E, se trata da essência divina, nela pesquisa o sentido tropológico, o sentido alegórico e o sentido anagógico das circunstâncias. A agudeza dos sermões é operada retoricamente como técnica de aproximar e condensar análogos distantes fundamentada na metafísica escolástica. Não deve ser entendida como jogo de palavras inconseqüente, sem relação com o real das definições positivistas de "realidade" em que o discurso não é prática real. Vieira é discreto, ou seja, pauta a fantasia com o juízo, ordenando o efeito aristotelicamente como prudência e discrição. Por fantásticas que pareçam para seu eventual leitor que hoje não mais conhece a experiência do sagrado, elas revelam a universal mediação da luz natural da Graça inata.

Ora, em Vieira, como Alcir Pécora demonstra em seu trabalho decisivo (Pécora, 1992), o que mais importa é o cumprimento da finalidade divina da história e não só como redenção pessoal, mas coletiva. Quando se lê o sermão como prática didática e política, observa-se que visa convencer as vontades individuais a se tornarem uma só vontade unificada como único corpo místico de vontades agindo para a universalização da verdadeira Fé, a católica, comandadas por um rei escolhido, o rei português. Vieira sempre afirma que Portugal é o agente escolhido para realizar temporalmente a eficiência divina, pois há, desde Tubal e Luso, evidências proféticas que atestam tal destinação. Ciceroniano, sempre lembra cristãmente a história pátria como figura temporal da eternidade; por isso, prevê que o Estado do Brasil e o Estado do Maranhão e Grão-Pará têm garantido seu lugar no futuro pelo comércio das frotas que desbancarão Holanda, França e Espanha; pela conversão de gentios que, livres da escravidão, serão exércitos católicos no combate ao turco e ao mouro; e, sempre, pela concordada integração de todas as ordens e estamentos do Império no projeto boteriano da paz fundada no interesse mercantilista com o qual a guerra maquiavélica de todos contra todos se extinguirá.

Aqui, Vieira ativa as técnicas de interpretação da Patrística e da Escolástica, citando profeticamente a história de Portugal para estabelecer a concordância de seus eventos

com os eventos narrados no Velho e no Novo Testamento. O Estado do Brasil e o Estado do Maranhão e Grão-Pará incluem-se com toda a necessidade no seu objetivo mais amplo - integrar harmonicamente todas as ordens e estamentos do Reino, desde os príncipes da casa real e cortesãos discretos até os mais humildes escravos e bárbaros gentios, no projeto de redenção do tempo que se dará no tempo português. Ora, sacramentando o Estado português como eleito de Deus, Vieira sacraliza também o regime monárquico. Para tanto, Pécora demonstra bem, estabelece homologia dos sacramentos litúrgicos do ritual católico com as hierarquias do Estado monárquico definido como instrumento da divindade. Não é qualquer monarquia; obviamente, a portuguesa governada por um rei Bragança.

Textos citados

KLEIN, Robert. "La théorie de l'expression figurée dans les traités italiens sur les 'imprese', 1555-1612"; "Giudizio et Gusto dans la théorie de l'art au Cinquecento". In *La forme et l'intelligible*. Préface de A. Chastel. Paris, Gallimard, 1970. (Trad. brasileira *A Forma e o Inteligível*. São Paulo, EDUSP, 1998).

PÉCORA, Alcir. *Teatro do Sacramento*. A unidade teológico-retórico-política dos Sermões de Vieira. São Paulo/ Campinas, EDUSP/EDUNICAMP, 1992 .

TESAURO, Emanuele. *Il Cannochiale Aristotelico*. 5. ed. Torino, Zavatta, 1670.